



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO LGBTQI+ ATENDIDAS EM UM SERVIÇO DE ACOLHIMENTO NO NORDESTE

Matheus Andrade de Moraes  
Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil  
Endereço eletrônico: mmoraes12@gmail.com

Vânia Carvalho Santos  
Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil  
Endereço eletrônico: vrtlcarvalho@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

Este resumo é oriundo de uma pesquisa que objetivou a construção de um trabalho de conclusão de curso, da Universidade Federal de Sergipe (UFS) no departamento de Serviço Social. A interseccionalidade deste trabalho foi pautada nos temas de Gênero, sexualidade, saúde mental e raça.

Por meio dessa teoria foi possível verificar que “A interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e, portanto, como um instrumento de luta política” (HIRATA, 2014, p. 09). De acordo com essa teoria, se refere a modos singulares de intersectar opressões, permite ampliar e tornar mais complexo o olhar sobre a produção de desigualdades em contextos específicos e fazer uma análise mais condizente com a realidade, por exemplo, permite captar as relações de poder na vida social e seus impactos nas experiências cotidianas dos sujeitos. Busca-se capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação de raças, etnias, classes, sexualidades e outras.

Os objetivos elencados foram estudar a relação que existem entre os preconceitos LGBTIfóbicos e a saúde mental das pessoas que são atendidas em um serviço de acolhimento do Nordeste. Também se busca visualizar quais são as demandas específicas dessa população nessa localidade. Por fim, pesquisa-se quais são as influências da heterocisnormatividade no cotidiano dessas pessoas.

As justificativas para essa pesquisa são de que o autor deste resumo faz parte da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, pessoas *Queer*, intersexuais, entre outros (LGBTQI+), além da escassa revisão de literatura no tema, por fim de que de acordo com pesquisa do Grupo Gay da Bahia (GGB), o Nordeste é a



segunda região do país que apresenta maior índice de assassinato esse recorte populacional. Nas pesquisas analisadas foram visualizados altos índices de depressão e suicídio das pessoas do recorte. De acordo com o relatório da população LGBT morta no Brasil do GGB, no ano de 2018 foram registrados 100 casos de suicídio, o que significa um aumento de 42% de casos documentados em relação ao ano de 2017.

Elenca-se a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, uma vez que este material é uma análise do Ministério da Saúde sobre essa população e eixos indicatórios para o atendimento das pessoas. É necessário ressaltar que esta pesquisa não é realizada para reforçar estereótipos LGBT de patologização, nem tão pouco, eleger as Infecções Sexualmente Transmissíveis como o todo de uma parcela populacional.

O cuidado da saúde mental desta população embora evite a sua patologização nas diferentes expressões de Gênero e sexualidade, chama atenção ao risco destas pessoas em desenvolver transtornos de ansiedade, depressão e incidência de suicídio. Ainda em acordo com o relatório 2018 do GGB, o Ministério da Saúde a população LGBT tem seis (06) vezes mais chances de cometer o suicídio em relação as pessoas heterossexuais.

## **METODOLOGIA**

O traçado metodológico foi iniciado pelo referencial teórico sobre o tema, realizado entre os meses de janeiro de 2018 a maio de 2019, seguido da pesquisa documental.

A coleta de dados foi realizada através do exame detalhado das fichas cadastrais que a instituição preenche no primeiro atendimento. O método de pesquisa foi baseado sob a luz do materialismo histórico dialético, a abordagem foi qualitativa de natureza exploratória-descritiva.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Este trabalho faz parte da monografia no curso de Serviço Social da UFS.

Segundo Daniela Ghorayeb, PhD em saúde mental pela Unicamp, esse sofrimento, nos jovens é maior, pois eles estão em busca da sua individualidade. Na sua pesquisa, feita com jovens de 10 a 19 anos que se declaram homossexuais no interior de São Paulo, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas para a obtenção de dados



sobre a percepção do adolescente em relação à violência contra outros adolescentes homossexuais, contra ele próprio e a influência dessa violência para a saúde dos adolescentes. Nos resultados obtidos, os adolescentes afirmaram ser vítimas de violência verbal, psicológica, física e sexual, e que ocorrem principalmente na comunidade, família e escola.

Ainda nessa pesquisa, cerca de 35% dos homossexuais pesquisados apresentaram depressão, e 10% deles risco de suicídio; contra 15% dos heterossexuais que apresentaram possível caso de depressão. Durante a pesquisa foi constatado que a maioria dos jovens homossexuais tem medo de ser agredido fisicamente e verbalmente.

Devido à homofobia, esses jovens têm uma visão negativa de si mesmos, que acabam contribuindo para que eles negligenciem práticas de autocuidado, não consigam manter hábitos saudáveis e fazendo com que desenvolvam ideação suicida. Eles revelaram em entrevista que o nível de stress é muito grande, tentativas de suicídio e vários casos de depressão.

O sofrimento psíquico nos jovens é maior, pois eles estão em busca da sua individualidade e, por muitas vezes, não possuem o apoio da família, inclui-se aqui uma maior preocupação com a população que mora em comunidades de periferia, é negra e pobre, a qual passa por sobrevivência todos os dias. Para Carl Rogers (1961), a busca da individualidade acontece quando o sujeito tem a capacidade de descobrir o que torna infeliz e de provocar mudança em sua vida. Esse sofrimento impede a auto realização e crescimento, já que só acontecem quando há condições favoráveis e não ameaçadoras.

Os resultados parciais nas fontes de coleta de dados da instituição estudada já ressaltam que aproximadamente 54% das pessoas LGBTQI+ têm se auto identificado, com momentos do passado ou do presente, em situações de tristeza profunda, melancolia, ausência de ânimo. Outras revelam que já passaram por situações de automutilação e/ou tentativas de suicídio, questões interligadas ao longo processo de preconceito que carregam ao longo dos anos.

Assim como foi identificada na revisão bibliográfica da Daniela Ghorayeb, vislumbra-se que na população LGBTQI+ existem altos índices de suicídios ou pelo menos de tentativas, reafirmando a importância da pesquisa acadêmica realizada por ela.

As consequências desses procedimentos vexatórios podem levar a pessoa a



diversos tipos de escolhas pessoais, como: o desejo de sair de casa, a busca por outros núcleos familiares (sejam em famílias extensas, ou amigas), utilização de álcool e outras drogas, fuga da realidade, depressão e/ou suicídio. Em casos do lado oposto é possível visualizar que essas violências acabam motivando a pessoa a possuir mais força para produzir trabalhos autônomos e maiores níveis de autoproteção, ou seja, a pessoa LGBTQI+ pode procurar se proteger a ponto de esquivar-se de outrem pela ausência de confiança nessas.

Para a pesquisa de Marco Correia (2018), sobre o comportamento suicidário de pessoas LGBT, a família é um fator decisivo, uma vez que esta pode ser o algoz dessa reação ou o principal fator de proteção. Além desse fator, foi registrada nessa dissertação que as relações de intimidade e de amizade influenciam à saúde mental dessa população.

## CONCLUSÕES

Dentre várias formas de preconceito, nada é mais preocupante do que o familiar. Aqueles que deveriam estar protegendo seus filhos/as/xs com amor, estão indo por vias da violência, o que acaba tencionando ambos os lados, por conta das descobertas sexuais e/ou de identidade de gênero de seus familiares.

Desse modo a população LGBTQI+ vem perpassando por meios de outros setores além das políticas de Gênero e é imprescindível que o assistente social ou qualquer outro profissional conheça todas as necessidades dessas pessoas. As políticas públicas de saúde, educação, habitação, empregabilidade, meio ambiente, cultura, cidadania, transporte, segurança, comunicação social e entre outras devem ser reconhecidas e efetivadas, visto que a Saúde Mental da população LGBTQI+ vem de um processo histórico, social e econômico que sofre vitimização e revitimização.

As violências que esses/as acolhidos/as passam são: violência doméstica, sexual, verbal, psicológica, moral e/ou patrimonial. No decorrer de suas vidas essas pessoas acabaram tendo essas experiências e ausência de apoio familiar consanguíneo, dificulta-se ainda o fato dessa ser o principal meio cujo causa essas violências.

Por isso, a escola tem um papel fundamental nesse processo de formação, por meio do conhecimento científico, o qual possibilitará ao aluno o confronto com o que lhe foi repassado no âmbito familiar. A iniciação sexual e os métodos de prevenção,



cuidados e higiene corporal, bem como, diversidade de gênero, são assuntos que devem ser abordados no currículo escolar e todas as informações resultarão em reflexões e desenvolvimento da conduta do sujeito.

As vantagens de dados como esses fortalecem a importância da pesquisa científica desses e outros temas nas universidades, além de reforçar a necessidade de apoio nas instituições de acolhimento dessa população. É possível elencar as demandas da população LGBTQI+ e reafirmar que o processo deve ser na contramão do preconceito e/ou discriminação por identidade de Gênero e/ou condição sexual.

**PALAVRAS-CHAVE:** LGBTQI+; Saúde Mental; Preconceito.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - LGBT**. Brasília: MS; 2011.

Disponível em:

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_saude\\_lesbicas\\_gays.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf)

Acesso em: 10 de mai. de 2019.

CORREIA, M. **COMPORTAMENTOS DA ESFERA SUICIDARIA EM JOVENS ADULTOS LGBT: O Papel da Família**. Orientador: José Carlos Santos. Dissertação (Mestrado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria) – Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.esenfc.pt/private/index.php?process=download&id=53256&code=429>. Acesso em 14 de mai. de 2019.

GOHRAYES, D. B. **HOMOSSEXUALIDADES NA ADOLESCÊNCIA: Aspectos de saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial**. Campinas. 2012. Disponível em:

Disponível em:

[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/309446/1/Ghorayeb\\_DanielaBarbetta\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/309446/1/Ghorayeb_DanielaBarbetta_D.pdf). Acesso em 10 de mai. de 2019.

GRUPO GAY DA BAHIA – GGB. **População LGBT morta no Brasil. Relatório GGB 2018**. Disponível em:

<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf> Acesso em 07 de mai. de 2019.

HIRATA, H. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo soc., São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, June 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702014000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100005). Acesso em 14 de mai. de 2019.

ROGERS, C. **TORNAR-SE PESSOA**. WMF Martins Fontes, 1961.